

## O sujeito nulo do PB vernacular em textos de jornal

### The vernacular BP null subject on journalistic texts

Mônica Rigo Ayres\*

Karoline Gasque de Souza\*\*

Melissa Giovana Lazzari\*\*\*

**RESUMO:** Neste artigo, abordamos o fenômeno do sujeito nulo em português brasileiro (PB) através de ocorrências advindas de *corpus* de língua escrita, composto por textos jornalísticos. Assim, perseguimos a hipótese de que o sujeito nulo em PB pode ser explicado através de uma análise multifatorial que leva em conta (i) a morfologia verbal, (ii) o traço semântico [+/- gênero semântico], (iii) o padrão sentencial linear V2 e (iv) o fator discursivo de conexão ótima. Tal hipótese é inicialmente formulada por Ayres (2021) para um *corpus* de língua falada transcrita. Em nosso estudo, vimos que a união de diferentes fatores se mostra satisfatória para descrever os sujeitos nulos do PB que ocorreram no *corpus*.

**PALAVRAS-CHAVE:** sujeito nulo; português brasileiro; *corpus* língua escrita.

**ABSTRACT:** In this article, we approach the null subject phenomenon in Brazilian Portuguese (BP) through occurrences arising from a written language corpus, composed of journalistic texts. Thus, we seek the hypothesis that the null subject in BP might be explained through a multifactorial analysis that takes into account: (i) verbal morphology, (ii) the semantic feature [+/- semantic gender], (iii) the linear sentential pattern V2 e (iv) the optimal connection discursive factor. This hypothesis is initially proposed by Ayres (2021) when considering a corpus of transcribed spoken language. In our study, we verified that the union of different factors is satisfactory to describe the null subjects of BP found in the corpus of analysis.

**KEYWORDS:** null subject; Brazilian Portuguese; spoken language *corpus*.

## 1 Introdução

O português brasileiro (PB) passou, do século XIX ao XX, por uma mudança no que se refere ao preenchimento dos sujeitos. Como apontado por

---

\* Professora substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Osório, Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, monica.ayres@ufrgs.br, ORCID 0000-0003-0972-5633.

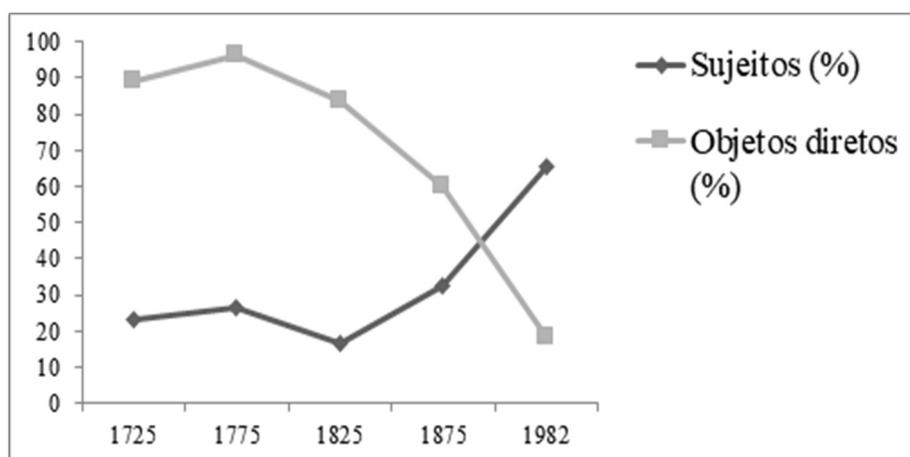
\*\* Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista de Doutorado CNPq, karoline.gasque@ufrgs.br, ORCID 0000-0002-4944-4521.

\*\*\* Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq, melissaglazzari@gmail.com, ORCID 0000-0002-7819-9326.

Tarallo (1983), Monteiro (1994) e Duarte (1993; 1995), a preferência dos falantes do PB era por omitir os sujeitos, mas, no PB atual, a preferência é por expressar os sujeitos (seja com sintagma determinante (DP), seja com pronome).

É interessante ressaltar que a alternância entre formas nulas e plenas se dá também na função de objeto direto - ato que foi observado e relatado por Tarallo (1983). O autor, através de análise de *corpus* (constituído por cartas, peças de teatro e diários - todos escritos entre os séculos XVIII e XIX), evidencia que houve uma alteração na expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais em PB, já que encontra em seus dados 81,8% de objetos diretos nulos e 20,6% de sujeitos nulos. Ou seja, em estágios anteriores do PB, se observava preferência por objetos diretos preenchidos e por sujeito nulos; no estágio atual, dado esse percurso de inversão, a preferência é por sujeitos expressos e objetos nulos. Essa inversão pode ser visualizada no gráfico abaixo, extraído de Othero e Spinelli (2019b, p. 19 *apud* BAGNO, 2011, p. 471):

Gráfico 1 – Relação inversa entre sujeitos pronominais e objetos nulos



Fonte: Bagno (2011, p. 471).

Na busca do que pode estar condicionando o uso de sujeitos pronominais expressos ou sujeitos nulos em PB, foram propostas algumas hipóteses, entre as quais destacamos as que levam em conta (i) a morfologia verbal (cf. CHOMSKY, 1981; JAEGGLI; SAFIR, 1989; SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2019); (ii) traços semânticos como [+/- humano], [+/- específico], [+/- referencial] (cf. DUARTE, 1993, 1995; CYRINO; DUARTE; KATO, 2000) e [+/- gênero semântico] (cf. OTHERO; SPINELLI, 2019a,b; OTHERO; GOLDNADEL, 2020);

(iii) o padrão linear V2 (cf. KATO; DUARTE, 2014, 2021; KATO, 2020); e, (iv) o fator discursivo de conexão ótima (cf. PAREDES SILVA, 2003; OTHERO; AYRES; LAZZARI, 2020). Todas essas hipóteses apresentam fortes tendências, mas não generalizações. Em busca de uma explicação mais geral para o uso dos sujeitos do PB, Ayres (2021) une diferentes hipóteses e analisa um *corpus* de língua falada transcrita, analisando sujeitos pronominais como *default* na língua e buscando entender os contextos nos quais os sujeitos nulos ainda ocorrem. Em seu estudo, a hipótese perseguida - de que o licenciamento de sujeitos nulos em PB depende de multifatores - é corroborada. Portanto, neste estudo exploraremos a mesma hipótese, mas com base em outra amostra de dados, com diferentes características. Para tanto, nos valeremos de um *corpus* constituído por textos de jornais, ou seja, textos com características específicas de língua escrita, sendo uma delas o maior uso de sujeitos nulos do que na língua falada (PAREDES SILVA, 2007).

Com relação a isso, é importante apontar que a modalidade escrita abarca um discurso planejado e, de certa forma, mais conservador (PAREDES SILVA, 2007), de maneira que é esperado que a gramática normativa exerça uma pressão maior com relação ao uso do sujeito nulo. Esse fato também é influenciado pela escolarização, importante via de ingresso na modalidade escrita da língua. Duarte (2018) conduz uma reflexão bastante pertinente sobre a relação entre (ensino de) gramática e processo de escolarização: basta ter por base o que já foi exposto sobre a realização da função de sujeito através de pronome expreso para chegar à conclusão de que o aluno não ingressa na escola tendo o sujeito nulo como preferência em sua gramática internalizada. Ao se deparar com manuais de ensino que ainda evocam usos atualmente obsoletos da língua, há um aparente conflito, de forma que “[...] a gramática do letrado brasileiro é tão híbrida: contém traços da primeira gramática e dessa segunda gramática aprendida na escola” (DUARTE, 2018, p. 11).

De certa forma solidária a esse hibridismo da gramática, Paredes Silva (2007) compara dados de língua falada e textos escritos de diferentes gêneros textuais lançando luz para a expressão do sujeito, se nulo ou preenchido por pronome, em contextos de retomada ou manutenção de um referente. Os dados oferecidos pelo estudo dão conta de que mesmo a escrita informal (analisada pela

autora através de cartas pessoais) prefere a anáfora zero, enquanto a língua falada (analisada através de entrevistas sociolinguísticas) prefere a retomada por pronome na função de sujeito. A expressão do sujeito por DPs é apontada como relevante em se tratando de textos de gêneros jornalísticos (levou-se em consideração artigos de opinião, crônicas e notícias): o primeiro recurso é a retomada por DP, em seguida o uso da forma nula e por fim o emprego do pronome expresso – contudo, sujeitos expressos por DP não serão levados em consideração neste trabalho.

Nosso objetivo é averiguar se os fatores que licenciam as ocorrências de sujeitos nulos em PB falado são os mesmos que licenciam as ocorrências de sujeitos nulos na língua escrita, ainda que na língua falada sujeitos nulos sejam raros, e na língua escrita sejam mais recorrentes. A hipótese que perseguiremos é a de que, através de uma análise que leva em conta diferentes fatores, conseguiremos explicar as ocorrências de sujeitos nulos do PB, com base em nossa amostra de *corpus* composto por textos de jornais. Os fatores são (i) morfologia verbal, (ii) gênero semântico, (iii) padrão linear V2 e (iv) conexão discursiva ótima (esses fatores serão explicados na próxima seção).

Esta pesquisa busca investigar a categoria vazia na função de sujeito e faz parte do projeto *Pronomes e objetos nulos na retomada anafórica em português brasileiro: revisitando questões teóricas e empíricas*, que tem como coordenador o Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

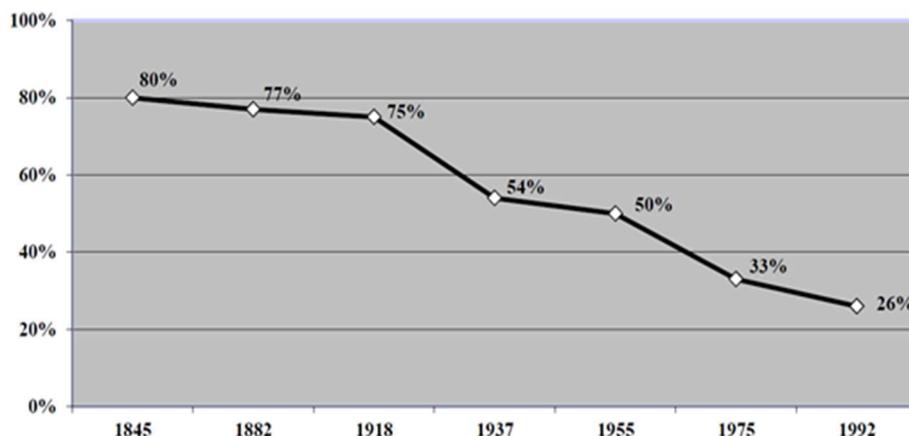
## 2 Sujeitos nulos

Como mencionamos anteriormente, houve uma mudança na preferência de sujeitos pronominais no PB do século XIX ao XX<sup>1</sup>, como pode ser observado no gráfico abaixo:

---

<sup>1</sup> Os textos constituintes do *corpus* do estudo de Duarte eram peças teatrais. Como não havia *corpora* de língua falada para analisar estágios anteriores do PB, a autora buscou uma forma de se aproximar da oralidade. De acordo com ela, analisar peças teatrais é muito pertinente “quando se quer tentar uma aproximação com a fala de sincronias passadas” (DUARTE; MOURÃO; SANTOS, 2012, p. 19).

Gráfico 2 – Sujeitos nulos (vs. pronominais)



Fonte: Duarte (2018, p. 88).

Através do gráfico, podemos perceber que os sujeitos nulos eram a grande maioria em 1845, chegando a 80% das ocorrências, mas seu uso vai entrando em decréscimo e chega a apenas 26% em 1992. As ocorrências de sujeitos nulos em PB ficam em torno de 30% desde a década de 1990 (cf. BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2015; OTHERO; SPINELLI, 2019a,b; AYRES, 2021).

Essa mudança na expressão dos sujeitos pode ter sido ocasionada por uma alteração no paradigma verbal do PB - como aponta Duarte (1993). A autora mostra como o sistema verbal ficou empobrecido ao longo do tempo, ou seja, se antes havia uma desinência verbal para praticamente toda pessoa gramatical, posteriormente houve um empobrecimento da morfologia verbal e, conseqüentemente, aumento de formas sincréticas, como pode ser observado abaixo:

Quadro 1 – Empobrecimento do paradigma flexional do PB

Pessoa gramatical	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª pessoa singular	(EU) fal <b>o</b>	(EU) fal <b>o</b>	(EU) fal <b>o</b>
2ª pessoa singular	(TU) fal <b>a</b> (VOCÊ) fal <b>a</b> Ø	(VOCÊ) fal <b>a</b> Ø	(TU) fal <b>a</b> (VOCÊ) fal <b>a</b> Ø
3ª pessoa singular	(ELE/ELA) fal <b>a</b> Ø	(ELE/ELA) fal <b>a</b> Ø	(ELE/ELA) fal <b>a</b> Ø
1ª pessoa plural	(NÓS) fal <b>amos</b>	(NÓS) fal <b>amos</b>	(NÓS) fal <b>amos</b> (A GENTE) fal <b>a</b> Ø

2ª pessoa plural	(VÓS) falais	(VOCÊS) falam	(VOCÊS) falam
3ª pessoa plural	(ELES/ELAS) falam	(ELES/ELAS) falam	(ELES/ELAS) falam

Fonte: Adaptado de Duarte (1993, p. 109).

No paradigma 1, contamos com 6 desinências verbais; já no paradigma 3, contamos com apenas 4, ou seja, houve um empobrecimento no sistema verbal do PB. Além disso, destacamos as alterações nas pessoas gramaticais, com a entrada de *vocês* como forma pronominal no paradigma 2, e *a gente*, no paradigma 3. As mudanças no paradigma verbal e também as mudanças no quadro pronominal têm prováveis efeitos na expressão/omissão dos sujeitos.

### 2.1 Morfologia

De acordo com Chomsky (1981, p. 241), a morfologia verbal seria capaz de recuperar um sujeito omitido pronominalmente, ou seja, se o sujeito estiver explicitado na morfologia verbal, ele pode ser omitido. Comparemos os exemplos a seguir:

- (1) a. \*(I) **ate** a pizza  
eu comer (pass) uma pizza  
b. \*(He) **ate** a pizza  
ele comer (pass) uma pizza
- (2) a. (Io) **ho** mangiato una pizza  
eu comer (pass/1ps) uma pizza  
b. (Lui) **ha** mangiato una pizza  
ele comer (pass/3pps) uma pizza

No exemplo 1, o sujeito não está marcado no verbo, de maneira que não pode ser omitido - repare que tanto na primeira pessoa (1a) quanto na terceira (1b), o verbo fica exatamente igual; já no exemplo 2, o sujeito está explicitado na morfologia verbal - *ho* na primeira pessoa (2a) e *ha* na terceira pessoa (2b) - de modo que o sujeito pode ser omitido.

Entretanto, essa relação entre sujeito nulo e morfologia se mostrou insuficiente desde o trabalho de Huang (1984). O autor mostrou que, em línguas como o chinês e o japonês, apesar de não haver morfologia rica, isto é, apesar de o sujeito não poder ser explicitado através da morfologia verbal, podem ocorrer sujeitos nulos. Como aponta Duarte (1995, p. 2), “desde o trabalho de Huang (1984), a relação entre flexão rica e sujeito nulo deixou de ter exclusividade nos processos de licenciamento e recuperação do conteúdo do sujeito nulo”. Entretanto, isso não quer dizer que a morfologia não exerça nenhuma influência no sistema: Soares, Miller e Hemforth (2019) apontam que há relação entre morfologia e sujeitos nulos em PB. De acordo com os autores, “quando a primeira pessoa do singular é usada com um tempo verbal não exclusivo, a forma preenchida é preferida ao invés da forma nula” (SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2019, p. 3586, tradução nossa<sup>2</sup>). Além disso, os autores afirmam que a aceitabilidade de frases nas quais há ambiguidade gerada por uma marcação verbal sincrética é baixa; entretanto, os falantes tendem a aceitar frases redundantes, ou seja, com sujeito exposto tanto no pronome quanto na morfologia verbal (cf. SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2019, p. 3591).

## *2.2 Gênero Semântico*

A influência de traços semântico-pragmáticos no sistema pronominal do PB foi investigada por diversos autores, como Duarte (1993, 1995) e Cyrino, Duarte e Kato (2000), que estudaram os traços [+/- humano], [+/- específico], [+/- referencial], e Othero e Spinelli (2019 a,b) e Othero e Goldnadel (2020), que exploraram o traço [+/- gênero semântico]. Neste trabalho, levaremos em conta o traço de [+/- gênero semântico], que, de acordo com Othero e Spinelli (2019a), apresenta resultados mais claros do que os encontrados na análise que leva em conta [+/- animacidade] ou [+/- animacidade e +/- especificidade]. De acordo com os autores,

---

<sup>2</sup> “when the first person singular is used in a Tense Type that does not exclusively reveal the discourse person of the subject, the overt form is preferred to the null form”.

a realização do pronome pleno é favorecida quando o referente tem gênero semântico marcado, tanto na função de sujeito quanto na de objeto direto anafórico, e esse favorecimento é maior e mais claro do que o que encontramos na análise com o traço de animacidade (ou sua combinação com o traço de especificidade). No entanto, nos casos em que o referente tem o traço [-gs] e o pronome está em função de sujeito, encontramos variação livre entre pronomes plenos e sujeitos nulos. Por limitações de tempo e espaço, não conseguimos explicar essa baleia branca que persegue qualquer linguista que trabalha com fenômenos variáveis ou pesquisas empíricas – a variação livre (OTHERO; SPINELLI, 2019a, p. 26-27).

A hipótese do gênero semântico foi inicialmente elaborada por Creus e Menuzzi (2004), que usaram da proposta para analisar o fenômeno do objeto nulo anafórico de terceira pessoa em PB. Em seguida, Spinelli (2018) e Othero e Spinelli (2019a,b) usaram do traço [gênero semântico] para elucidar não só a distribuição de objetos nulos e pronominais em PB, mas também a de sujeitos nulos e expressos. O trabalho de Othero e Goldnadel (2020) também atesta a influência que referentes [+ gênero semântico] exercem para que se tenha sujeito pronominalmente expresso.

Cabe mencionar que o gênero semântico não coincide com o gênero gramatical; trata-se de dois traços distintos, mas que podem coincidir. A definição oferecida por Creus e Menuzzi (2004) para gênero semântico leva em consideração a possibilidade de identificar o sexo natural de indivíduos ou classe de indivíduos – isto é, *gato* está em oposição a *gata*, pois o primeiro termo traz o gênero semântico masculino, e o segundo, feminino. Em se tratando de *gênero gramatical* e *gênero semântico*, os autores enfatizam:

O conceito de “gênero gramatical” refere-se à classificação morfossintática dos substantivos, isto é, aquela que determina suas relações de concordância gramatical. Em português, há duas classes morfossintáticas de substantivos, os de “gênero masculino” e os de “gênero feminino”. Estas classes podem ser marcadas pela desinência mórfica do próprio vocábulo, ou somente se manifestam pelo sistema de concordância (com os artigos definidos, por exemplo: *o menino/carro; a menina/mesa; o paciente/ problema; a paciente/mão*). Note-se que possuem “gênero gramatical” todos os substantivos do português – não apenas os que denotam referentes animados (*menino, paciente, etc.*) como também os que denotam referentes inanimados (*mesa, problema, etc.*). (CREUS; MENUZZI, 2004, p. 153).

Retomando Othero e Spinelli (2019a,b), os autores propõem que, em se tratando da relação entre gênero semântico e expressão do sujeito pronominal, a escolha entre expressar ou não foneticamente o sujeito seria condicionada à concordância entre antecedente e a forma anafórica. Para tal, os autores se baseiam no que dizem Creus e Menuzzi (2004, p. 161) ao analisar a alternância entre objeto nulo e preenchido:

a escolha entre ONs e PrPls resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPls porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico. (CREUS; MENUZZI, 2004, p. 161).

Ademais, os resultados apresentados por Spinelli (2018) e Othero e Spinelli (2019a,b) constataram que esse traço pode explicar o fenômeno de maneira mais apropriada do que os traços de [animacidade] e [especificidade], também levados em consideração nos estudos mencionados para uma análise comparativa. Sobre essa dupla de traços, Creus e Menuzzi (2004, p. 150) propõem que “os efeitos dos traços de animacidade e especificidade [...] podem ser preditos por uma oposição única: a oposição entre os antecedentes que possuem e os que não possuem gênero semântico”.

### *2.3 Padrão linear V2*

Acerca do padrão linear V2, terceiro fator levado em consideração neste trabalho, é inicialmente oportuno destacar que se trata de um padrão prosódico linear; dessa forma, olhamos para a posição ocupada pelo verbo na sentença. Colocam-se em oposição V1 e V2: enquanto V1 caracteriza o verbo na primeira posição da sentença, seguindo a forma VSO, por exemplo, o padrão V2 não trata apenas de um contexto em que o verbo ocupa a segunda posição da frase, mas qualquer outra posição exceto a primeira.

Considerando a inversão, o verbo passa para o início da sentença e o sujeito ocupa a segunda posição (VSO); sobre o padrão V2, reiteramos que esse assinala a preferência da língua por evitar que o verbo inicie a frase – V passa, então, a

ocupar qualquer posição, como foi exposto. Tal tendência da língua já é descrita por outros autores, como Berlinck (1989; 1995), que através de uma análise diacrônica propõe que o padrão V1 não é mais frequente em PB; Kato e Duarte (2014; 2021) e Kato (2020), que mostram a tendência do PB em preencher a posição à esquerda do verbo, o que representa o padrão V2, ainda que a primeira posição não tenha a função de sujeito da sentença; e Guilherme (2016), que também assinala a tendência de preenchimento à esquerda do verbo.

Os exemplos a seguir elucidam essa questão e são adaptados de Kato e Duarte (2021):

- (3) a. Lá vem a Maria. (V2) a'.\*Vem lá a Maria. (V1)  
b. Você é americano? (V2) b'.\*É americano? (V1)

O par *a* enfoca a alternância na ordem do verbo e do advérbio: o advérbio anteposto ao verbo (V2) produz uma sentença gramatical e aceitável, enquanto o inverso (verbo em padrão V1) não. Já o par *b* lida com o sujeito nulo, a tendência verificada na língua é considerar *b'* não aceitável já que tem a configuração V1, enquanto o sujeito pronominal expresso reorganiza a sentença para padrão V2, o que tem se mostrado produtivo em PB.

Dessa forma, o efeito V2 pode estar influenciando a expressão do sujeito em PB, pois, se a posição canônica do sujeito (à esquerda do verbo) estiver preenchida, o sujeito nulo pode ser favorecido, já que haverá outro elemento “fazendo sua função” de preencher foneticamente a periferia à esquerda do verbo.

#### 2.4 Conexão discursiva ótima

O quarto e último fator levado em consideração neste trabalho trata da conexão discursiva, noção que é tradicionalmente formulada por análises e descrições de cunho funcionalista. Levamos em consideração primordialmente o que é exposto por Paredes Silva (2003), a qual assinala que a gramática é muito antes um sistema adaptativo e sensível à interação e comunicação do que um sistema autônomo. Tomando por base a predizibilidade da informação, noção

primeiramente vista em Givón (1995), Paredes Silva propõe, no tocante à variação entre sujeitos expressos pronominalmente e sujeitos nulos, que “a escolha do pronome está fortemente correlacionada à não-manutenção do mesmo referente como sujeito” (PAREDES SILVA, 2003, p. 104). Ou seja, se um sujeito for altamente predizível e recuperável, não há a necessidade de explicitá-lo, acarretando o uso do sujeito nulo em detrimento do sujeito expresso foneticamente por pronome.

Através desse raciocínio, Paredes Silva (2003) define nos seguintes termos o contexto comunicativo de conexão ótima (CO): “corresponde à permanência, na função de sujeito, do mesmo referente/tópico, no mesmo plano discursivo (manifestado pela manutenção do sistema de tempo-aspecto-modo verbal)” (PAREDES SILVA, 2003, p. 105). O exemplo a seguir é do texto da referida autora:

- (4) “Eu já desfilei na S. Clemente, Ø desfilei no Arrastão de Cascadura, Ø desfilei no Folião de Botafogo, Ø desfilei em uma porção de escolas mas só que a escola de coração mesmo é a Salgueiro” (PAREDES SILVA, 2003, p. 105).

A sequência de sujeitos nulos seria justificada pela conexão ótima: em *Ø desfilei no Arrastão de Cascadura*, *Ø desfilei no Folião de Botafogo*, *Ø desfilei em uma porção de escolas*, os três verbos retomam o sistema de tempo-aspecto-modo verbal do verbo na primeira oração (Eu já **desfilei** na S. Clemente), que é acompanhado pelo sujeito expresso pronominalmente (*Eu*). Há uma espécie de cadeia de elos em que a primeira oração serve como “suporte” para as orações seguintes, que irão retomar o mesmo sujeito, mas de forma nula, e o mesmo sistema de tempo-aspecto-modo verbal verificados na primeira oração.

Apesar de não usarem o termo “conexão discursiva”, Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 25) apresentam essa mesma relação: de acordo com os autores, antes da segunda metade do século XX, o sujeito nulo poderia ser identificado por um antecedente em alguma outra função sintática. Porém, a partir da segunda metade do século XX, a menção prévia do sujeito nulo na mesma função

(de sujeito) passa a ser importante para a identificação de um sujeito nulo. O trio de autores afirma que, a partir da segunda metade do século XX, “um antecedente distante ou em outra função é preferencialmente preenchido e, mesmo em contextos com um antecedente na mesma função ou em oração adjacente, o sujeito preenchido começa a concorrer com o nulo” (DUARTE; MOURÃO; SANTOS, 2012, p. 26).

Cabe, porém, fazer uma ressalva sobre a relação entre o conceito de conexão discursiva ótima proposto por Paredes Silva (2003) e o que foi aplicado em nossa análise de dados, explicitada a seguir. De início, as análises conduzidas no *corpus* seguiam à risca o que diz o conceito de CO; contudo, foi percebido que, num grande número delas, não se mantinha o sistema de tempo-aspecto-modo verbal, mas o sujeito retomava facilmente uma entidade explicitada anteriormente, não havendo outro antecedente possível para ser retomado pelo sujeito em questão. Isso pode ser visto no seguinte exemplo retirado do *corpus*:

- (5) 

Hoje, aos 42 anos, Ø <sub>i</sub> vê que fez bem em largar a advocacia. Por cerca de 15 anos, Ø <sub>i</sub> trabalhou na área de família e, conseqüentemente, Ø <sub>i</sub> acabava indo um pouco para a criminal.
--

Fonte: Acervo *PorPopular* - jornal *Diário Gaúcho*.

No exemplo acima há três sujeitos nulos com o mesmo índice, referente, mas com verbos em tempos distintos. O verbo da primeira oração está no presente do indicativo (*vê*), o da segunda oração está no pretérito perfeito (*trabalhou*), e o da terceira oração está no pretérito imperfeito do indicativo (*acabava*). Não há outro antecedente possível para os sujeitos nulos, ou seja, o antecedente é facilmente recuperável e a mudança de tempo, modo e aspecto não parece interferir na CO.

Considerando esses dados empíricos, passamos a encarar como contexto para a CO o sujeito, pronominal ou nulo, que mantém identidade com seu referente sem levar em consideração o sistema de tempo-aspecto-modo verbal. Ao dar esse passo adiante, há uma aproximação com o que propõe Ariel (cf., por exemplo, ARIEL, 2001) por meio da teoria de acessibilidade.

Os fatores apresentados de 2.1 a 2.4 mostraram ter relevância na expressão do sujeito em PB - apesar de todos eles, isoladamente, apontarem tendências, não

mostram generalizações. Conforme já mencionado, na busca por uma expressão mais geral a respeito do licenciamento de sujeitos nulos do PB, Ayres (2021) faz uma análise que considera todos esses fatores em conjunto. A hipótese da autora é que o licenciamento de sujeitos nulos em PB depende de multifatores, especificamente do conjunto de fatores explicitados de 1.1 a 1.4. Ayres (2021) explica que

o que dará conta de explicar os contextos residuais de sujeitos nulos em PB é o conjunto desses quatro fatores. Ainda que o conjunto desses quatro fatores não seja necessário para explicar cada ocorrência de sujeito nulo – por exemplo, pode ocorrer um sujeito nulo que seja licenciado por apenas um desses fatores, enquanto outro seja licenciado graças a dois, três ou todos os fatores. Entretanto, para explicar o conjunto de todos os dados, é preciso que levemos em consideração o conjunto desses quatro fatores (AYRES, 2021, p. 27).

Na pesquisa, a hipótese é atestada, com base em um *corpus* de língua falada transcrita. Neste estudo, perseguiremos a mesma hipótese, mas analisaremos um *corpus* com diferentes características, específicas de língua escrita.

### 3 Metodologia

Neste trabalho utilizamos parte do *corpus* coletado e disponibilizado em formato .doc pelo projeto *PorPopular* (padrões do Português Popular Escrito)<sup>3</sup>. O *corpus* do projeto é composto por textos de dois jornais populares brasileiros: *Diário Gaúcho*, de Porto Alegre (RS), e *Massa!*, de Salvador (BA). Conforme exposto na descrição do projeto, esses jornais se assemelham entre si por serem “voltados para leitores de menor poder aquisitivo e pouco hábito de leitura”, ou seja, são jornais de fácil acesso. Os textos dos jornais abrangem temáticas variadas, por exemplo, histórias de pessoas da comunidade, entrevistas com famosos, atividades culturais e notícias policiais, de meteorologia e de esportes, em sua maioria de futebol.

Para a presente pesquisa, elegemos aleatoriamente 128 textos jornalísticos, 64 textos de cada jornal, que foram publicados em versão on-line,

---

<sup>3</sup> Projeto *PorPopular* (<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular>).

nos anos de 2010, 2013 e 2014, e analisamos as ocorrências de sujeitos pronominais (SP) e sujeitos nulos (SN)<sup>4</sup>, separando as ocorrências de sujeitos com etiquetas, quais sejam:

Quadro 2 – Etiquetas tipo de sujeito e pessoa gramatical

<b>Pessoa gramatical</b>	<b>Sujeito pronominal (SP)</b>	<b>Sujeito nulo (SN)</b>
1ª pessoa singular (eu)	SP1ps	SN1ps
2ª pessoa singular (tu/você)	SP2ps	SN2ps
3ª pessoa singular (ele/ela)	SP3ps	SN3ps
1ª pessoa plural + (nós)	SP1pp+	SN1pp+
1ª pessoa plural - (a gente)	SP1pp-	SN1pp-
2ª pessoa plural (vocês)	SP2pp	SN2pp
3ª pessoa plural (eles/elas)	SP3pp	SN3pp

Fonte: As autoras.

Para cada ocorrência etiquetada, analisamos e indicamos os fatores com um sinal de mais (+) ou menos (-), lembrando: [+/- gênero semântico], [+/- conexão ótima], [+/- padrão linear V2] e [+/- morfologia verbal]. Após a marcação nos textos, os dados foram transpostos para planilhas e, em seguida, unidos conforme as ocorrências por pessoas gramaticais, fatores em individual e pelas combinações dos fatores licenciadores.

Cabe exemplificar brevemente cada fator considerado nas nossas análises com dados do próprio *corpus* analisado neste trabalho. O primeiro fator é o [gênero semântico] que, como vimos, diz respeito ao referente ter sexo biológico identificável pelo falante, ou não. Vejamos um exemplo:

- (6) [O criminoso]<sub>i</sub>, não identificado até a quarta-feira, recebeu um tiro no peito e outro no pé direito. Mesmo assim, Ø<sub>i</sub> [+gs] entrou no carro das vítimas e Ø<sub>i</sub> [+gs] tentou arrancar (...). [Bombeiros]<sub>j</sub> foram chamados e Ø<sub>j</sub> [-gs] resgataram o assaltante, levado para o HPS pelo Samu, que também conduziu Janaína.

<sup>4</sup> Em nossas análises, consideramos apenas os sintagmas na função/posição de sujeito preenchidos por pronome ou nulos. Não analisamos os títulos e subtítulos dos textos e as expressões prontas como “sei lá”, “não sei” (sem complemento) e ignoramos os sujeitos de verbos elididos, verbos no imperativo, genéricos e existenciais.

No trecho acima, há o sujeito *o criminoso*, que apresenta gênero semântico identificável, sendo, portanto, analisado como [+gs]. Também há o sujeito *bombeiros*, não especificado para gênero semântico, e que, por causa disso, recebe a etiqueta [-gs].

O segundo fator é o de conexão ótima (co), aquele em que há um alto nível de predizibilidade de referente do sujeito nulo:

- (7) [O filho mais velho, Jhonattan, 13 anos]<sub>i</sub>, já não está mais na fase de brincar, mas nem por isso Ø<sub>i</sub> [+co] deixou de acompanhar a mãe. Enquanto [a irmã caçula]<sub>j</sub> passava de um brinquedo para o outro, [ele]<sub>i</sub> [-co] contou como homenageou Roselaine no início do domingo.

Fonte: Acervo *PorPopular* - jornal *Diário Gaúcho*.

Analisando o primeiro período, apontamos o fator [+co] no sujeito nulo, já que esse retoma a informação do DP *O filho mais velho, Jhonattan, 13 anos*. Repare que não há disponível outro referente possível para esse sujeito nulo; dessa forma, o critério de manutenção do sistema de tempo-modo-aspecto não foi levado em consideração, conforme o que foi mencionado em 1.4. Já no período seguinte, há um novo referente: *a irmã caçula*; essa menção "quebra" a conexão ótima estabelecida no período anterior, assim o sujeito expresso pronominalmente *ele* é marcado como [-co].

O terceiro fator levado em consideração neste trabalho, o padrão linear V2, diz respeito à posição ocupada pelo verbo na sentença, em que [-v2] significa que o verbo está na primeira posição da sentença e [+v2] que está em qualquer posição que não seja a primeira. Um exemplo:

- (8) Desde ontem [quarta-feira], Ø<sub>i</sub> [+v2] estamos tentando localizar o corpo, Ø<sub>i</sub> [-v2] saímos daqui meia-noite. Hoje (ontem), Ø<sub>i</sub> [+v2] estamos saindo daqui agora (às 18h40), e Ø<sub>i</sub> [+v2] não conseguimos encontrá-lo, explica o delegado Jamal Amad.

Fonte: Acervo *PorPopular* - jornal *Massa!*

De acordo com o exemplo, o primeiro sujeito nulo apresenta o fator [+v2]; já o segundo apresenta fator inverso, [-v2], pelo fato do verbo *saímos* iniciar a oração. Na sequência, o terceiro sujeito nulo é [+v2], porque o elemento inicial

da sentença é um advérbio de tempo. O quarto sujeito nulo também tem o fator marcado positivamente para o padrão linear V2, já que o verbo não é o elemento inicial da sentença.

A morfologia rica é aquela que traz informações de número e pessoa, nomeadamente as de 1ª pessoa *eu* e *nós* (eu escrevo, nós escrevemos), enquanto a morfologia pobre não traduz essas informações, por exemplo, a morfologia expressa atualmente em 2ª singular coincide com a de 3ª singular (tu/você escreve, ele/ela escreve). O mesmo é válido para as formas de plural dessas pessoas. O quarto e último fator é exemplificado em:

- (9) Segundo o policial, [o criminoso que foi identificado]<sub>i</sub> já possui passagens e Ø<sub>i</sub> [-morf] mora em Dias D'Ávila. Ø<sub>j</sub> [+morf] Acredito que o outro também more lá. Mas, Ø<sub>k</sub> [+morf] ainda estamos investigando, afirma ele.

Fonte: Acervo *PorPopular* - jornal *Massa!*

No exemplo acima, a desinência verbal utilizada para o primeiro sujeito nulo, forma verbal do presente do indicativo, não explicita o sujeito gramatical, já que é compartilhada com três pessoas gramaticais (tu/você, ele/ela e a gente), o que justifica ser [-morf]. Já os outros dois sujeitos nulos apresentam morfologia única e exclusiva, respectivamente, da 1ª pessoa do singular e da 1ª pessoa do plural, por isso são analisados como [+morf].

No primeiro momento, a marcação dos fatores foi feita no próprio arquivo .doc do texto, seguindo a seguinte ordem de análise/marcação: identificação do sujeito, se sujeito pronominal (SP) ou sujeito nulo (SN), pessoa gramatical, [+/- gênero semântico], [+/- conexão ótima], [+/- padrão linear V2] e [+/- morfologia verbal], conforme exemplo abaixo:

- (10) Em relação ao atraso do plano, [Jose]<sub>i</sub> alega nunca ter ocorrido licitação tão ampla, o que gera muitas burocracias. SP<sub>3ps+++</sub> [-Ele]<sub>i</sub> reconhece a necessidade das escolas e, a pedido da reportagem, SN<sub>3ps+++</sub> Ø<sub>i</sub> deu uma nota para o aspecto físico das escolas estaduais de Porto Alegre.

Fonte: Acervo *PorPopular* - jornal *Diário Gaúcho*.

Levando em consideração os quatro fatores mobilizados para a análise através do código mencionado acima, podemos apontar que o sujeito pronominal

expresso (marcado com a etiqueta SP3ps+++-) retoma o DP *Jose*. Considerando isso, temos como positivos os fatores de gênero semântico e conexão ótima: *Jose* é [+gs], conforme o raciocínio já exposto, e o sujeito em questão é [+co], já que retoma o DP sem outro antecedente possível. Acerca do padrão linear V2 e a morfologia do verbo, cabe destacar que é aplicada a etiqueta para [+v2], já que o verbo não inicia a oração; a morfologia recebe o sinal de [-morfo] pois não é rica, a desinência verbal verificada em *reconhece* se aplica para 2ª pessoa de singular e 3ª pessoa de singular.

Adiante, o sujeito nulo marcado com a etiqueta SN3ps+++ opera de maneira semelhante. O mesmo referente é retomado (*Jose*), mantendo os fatores [+gs] e [+co]; o verbo não inicia a oração, já que é antecedido pelo trecho *e, a pedido da reportagem*; seguindo o mesmo raciocínio da ocorrência anterior, a morfologia é [-morfo].

Após a marcação feita nos textos, cada ocorrência foi transposta para o editor de planilhas para a contagem automática das etiquetas, o que foi feito concomitantemente à revisão manual. Foi preciso criar oito colunas (A-H) na planilha para dar conta das informações necessárias para localizar cada ocorrência e das etiquetas: (A) para marcar o número do texto em que se encontra a ocorrência; (B) para identificar o verbo da ocorrência; (C) para o tipo de sujeito, se SN ou SP; (D) para a pessoa gramatical; (E) para o gênero semântico; (F) para a conexão ótima; (G) para o padrão linear V2; (H) para a morfologia verbal, conforme a figura:

Figura 1 – Planilha dos dados analisados do jornal *Massa!*

	A	B	C	D	E	F	G	H
	Texto	Verbo	Sujeito	Pessoa gramatical	GS	CO	V2	MORF
1	1	ralar	SP	3ps	+	+	+	-
2	1	turbinar	SN	3ps	+	+	+	-
3	1	chegar	SP	3ps	+	-	+	-
4	1	tomar	SN	3ps	+	+	+	-
5	1	comer	SN	3ps	+	+	+	-
6	1	namorar	SN	3ps	+	+	-	-
7	1	esconder	SN	3ps	+	+	+	-
8	1	ter	SP	3ps	+	-	+	-
9	2	entrar	SP	3ps	+	-	+	-

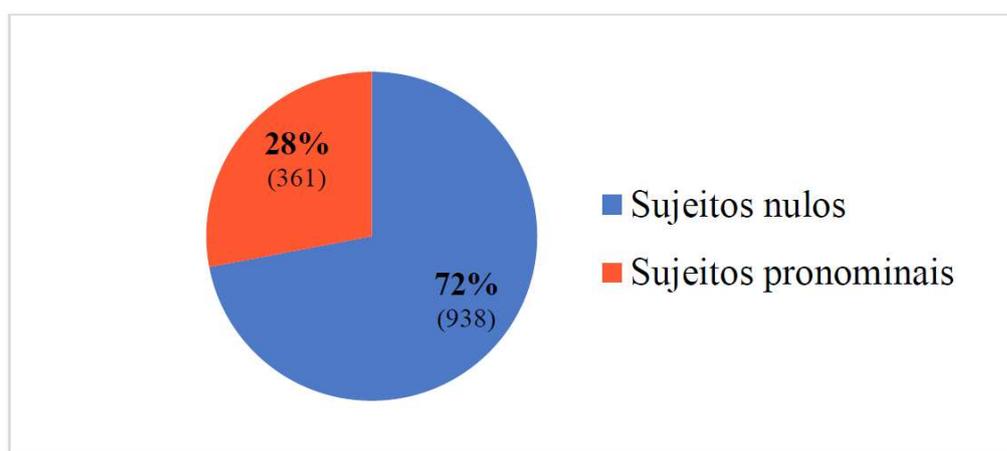
Fonte: As autoras.

Por fim, os dados de cada jornal foram agrupados em três planilhas. A primeira para as ocorrências por pessoas gramaticais, a segunda para as ocorrências por cada fator em particular e a terceira para a combinação dos quatro fatores. Em cada planilha foi reservada uma coluna para cada jornal, a fim de realizar a comparação, e outra para contabilizar o total de cada etiqueta. Os resultados obtidos nessas planilhas serão apresentados na seção a seguir.

#### 4 Resultados e discussão

Encontramos 1.299 ocorrências no *corpus* em análise, sendo 938 sujeitos nulos (563 no *Diário Gaúcho* e 375 no *Massa!*) e 361 sujeitos pronominais (170 no *Diário Gaúcho* e 191 no *Massa!*)<sup>5</sup>.

Gráfico 3 – Distribuição de sujeitos nulos e sujeitos pronominais total



Fonte: As autoras.

Nesse gráfico, podemos evidenciar a expressividade de sujeitos nulos no *corpus*; os sujeitos pronominais representam apenas o equivalente a um terço dos SNs. Ayres (2021) obteve resultado inverso com o *corpus* de língua falada: das 4.136 ocorrências de sujeito analisadas, 70% (2.884) foram de sujeitos pronominais e 30% (1.252) foram de sujeitos nulos. O alto índice de sujeitos nulos encontrado no nosso *corpus* já era esperado, por se tratar de textos de gêneros

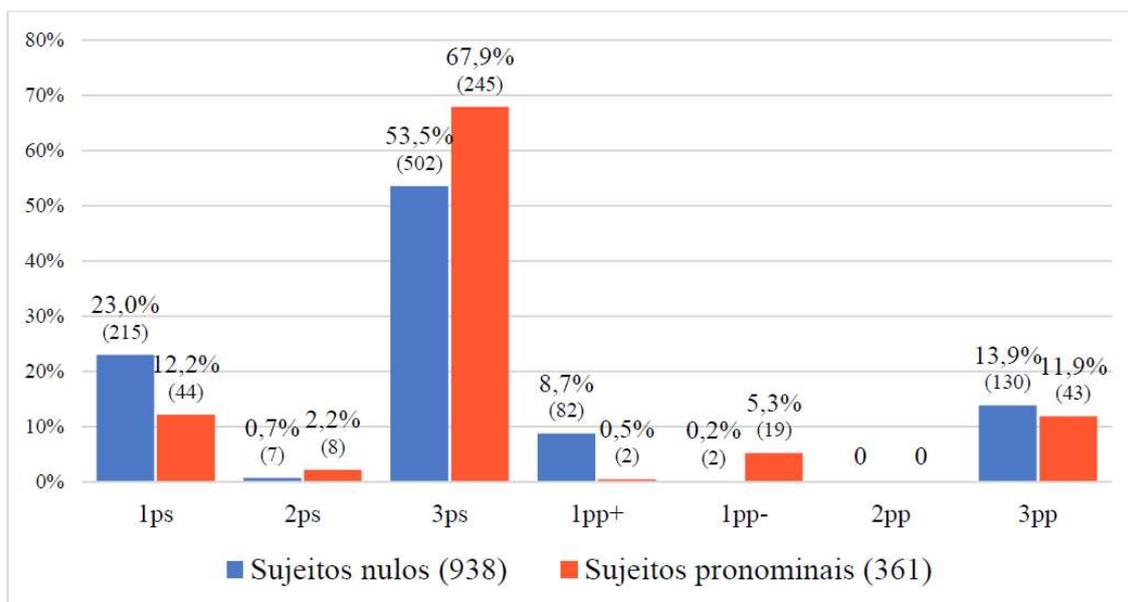
---

<sup>5</sup> Os textos do jornal *Diário Gaúcho* são mais longos: os 64 textos estão dispostos em 93 páginas, enquanto que os do *Massa!*, em apenas 37 páginas, e mesmo assim este jornal apresentou mais SPs que o *Diário Gaúcho*.

jornalísticos – que são produzidos para serem lidos, ao contrário de peças teatrais e *corpora* de língua falada, já empregados em estudos anteriores (cf. DUARTE, 1993, 1995; SOARES, 2017), por exemplo. O PB, então, segue mantendo a preferência pelo sujeito nulo na língua escrita e pelo sujeito pronominal na língua falada.

Quanto à distribuição de sujeitos nulos e pronominais por pessoas gramaticais, encontramos a distribuição que apresentamos no gráfico a seguir. O gráfico confronta tanto as ocorrências de sujeitos nulos *vs.* sujeitos pronominais quanto às ocorrências por pessoas gramaticais:

Gráfico 4 – Ocorrências totais por pessoas gramaticais de sujeitos nulos e sujeitos pronominais



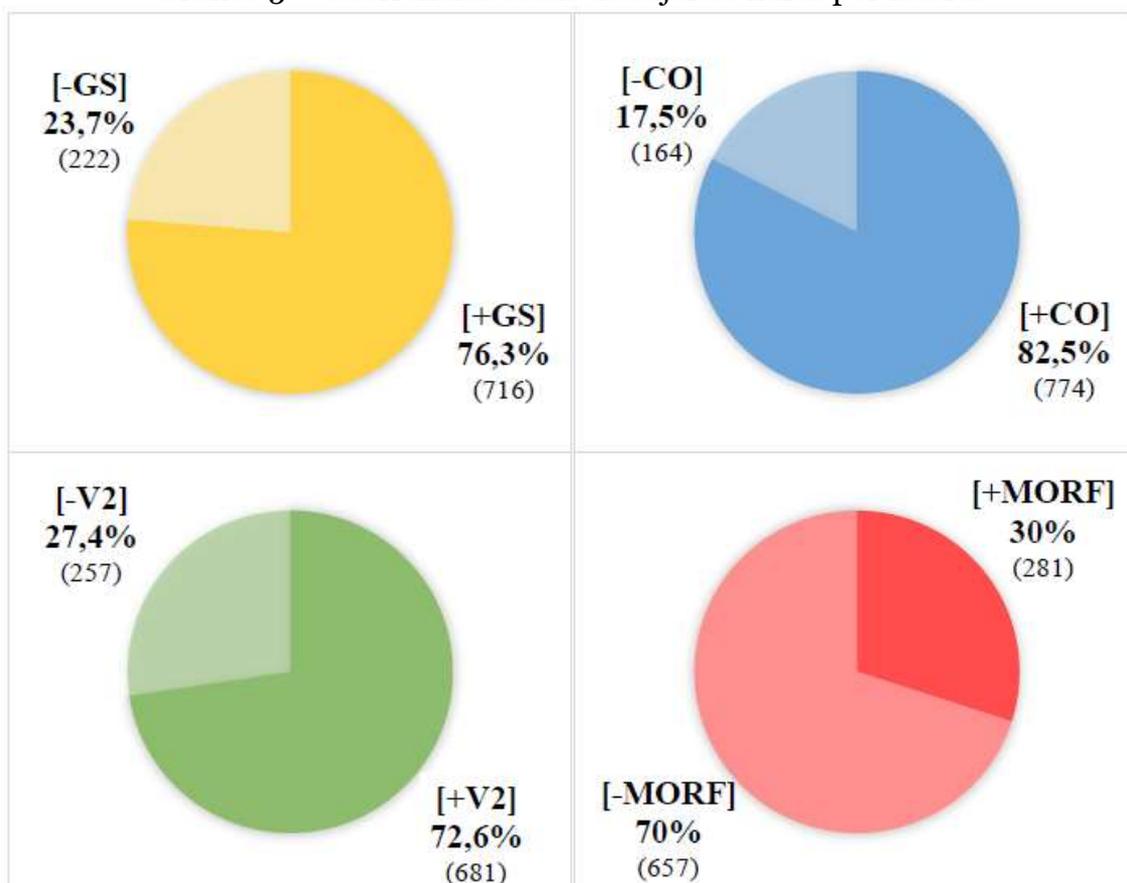
Fonte: As autoras.

Os maiores números de sujeitos nulos e pronominais foram, ambos, da 3ª pessoa do singular, seguida pela 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural, e não houve ocorrência de 2ª pessoa do plural. O maior número de 3ª pessoa do singular pode ser justificado pelo fato de o *corpus* ser constituído por textos do gênero notícia, que tem por objetivo informar. Assim, o texto narrativo predomina, e se espera uma certa imparcialidade daquele que escreve a notícia, de maneira que o autor não costuma se colocar no texto através da primeira pessoa (cf. PAREDES SILVA, 2007).

Os quase 68% de sujeitos pronominais de 3ª pessoa do singular, assim como os 11,9% de 3ª pessoa do plural, podem ser fundamentados na necessidade de explicitar o referente dessas pessoas gramaticais em casos de ambiguidade, por exemplo, enquanto os 53,5% de sujeitos nulos de 3ª pessoa do singular e 13,9% de 3ª pessoa do plural se explicam pelo contexto de conexão ótima. Os sujeitos nulos de 1ª pessoa do singular e de 1ª pessoa do plural (*nós*) podem ser justificados pela morfologia exclusiva que as duas pessoas gramaticais possuem (cf. SOARES; MILLER; HEMFORTH, 2019).

Ao analisarmos cada fator isoladamente, percebemos que eles apontam tendências, mas não generalizações. Vejamos os números:

Gráfico 5 – Ocorrências totais de sujeitos nulos por fatores



Fonte: As autoras.

Como é possível observar pelo conjunto dos gráficos acima, os fatores isoladamente não mostram generalizações, apenas apontam tendências. O fator que mais fortemente indica uma tendência é [+ conexão ótima], presente em

82,5% das ocorrências de sujeitos nulos em nosso *corpus*. Entretanto, esperamos encontrar uma generalização na análise que leva em conta os quatro fatores *em conjunto*, ou seja, um resultado que dê conta da totalidade dos dados de sujeitos nulos.

Vejamos, então, como os dados se comportam com os quatro fatores em conjunto. No quadro abaixo, em todas as linhas há pelo menos um traço licenciador de sujeitos nulos atuando ([*-gs*], [*+co*], [*+v2*] e/ou [*+morf*]), exceto na linha 7, linha na qual temos exatamente a combinação oposta: [*+gs*], [*-co*], [*-v2*] e [*-morf*], ou seja, todos os fatores que *não* licenciam sujeitos nulos. Dessa forma, esperamos encontrar sujeitos nulos com toda e qualquer combinação de fatores das linhas 1 a 16, com exceção da linha 7. Vamos aos dados:

Quadro 3 – Ocorrências totais de sujeitos nulos e sujeitos pronominais por pessoas gramaticais

	Traços licenciadores				Sujeitos nulos	
	[GS]	[CO]	[V2]	[MORF]		
1	+	+	+	+	83	(8,8%)
2	+	+	+	-	384	(40,8%)
3	+	+	-	+	62	(6,6%)
4	+	+	-	-	93	(10%)
5	+	-	+	+	32	(3,4%)
6	+	-	+	-	27	(2,9%)
7	+	-	-	-	8	(0,9%)
8	+	-	-	+	27	(2,9%)
9	-	+	+	-	108	(11,5%)
10	-	+	-	-	25	(2,7%)
11	-	-	+	-	11	(1,2%)
12	-	-	-	-	5	(0,5%)
13	-	-	+	+	26	(2,8%)
14	-	-	-	+	28	(3,0%)
15	-	+	+	+	9	(0,9%)
16	-	+	-	+	10	(1,1%)
<b>TOTAL</b>					<b>938</b>	<b>(100%)</b>

Fonte: As autoras.

Como é possível perceber ao olharmos para o quadro acima, a combinação de fatores com a qual não esperávamos ocorrências de sujeitos nulos apresentou apenas 0,9% dos dados de sujeitos nulos do *corpus*. Dessa forma, a explicação proposta - que leva em conta 4 fatores licenciadores de sujeitos nulos - dá conta de explicar 99,1% dos dados, muitíssimo próximo dos almejados 100%.

Levando em consideração o trabalho de Ayres (2021), a combinação de fatores que se mostra mais produtiva para sujeitos nulos é a que traduz os seguintes fatores [+gs], [+co], [-v2] e [+morfo]. Analisando em especial o quadro 3 (Ocorrências totais de sujeitos nulos e sujeitos pronominais por pessoas gramaticais), cabe apontar que, neste estudo, a combinação de fatores mais verificada para sujeitos nulos é a [+gs], [+co], [+v2] e [-morfo]. Com relação a isso, duas observações são importantes.

A primeira delas é o fato já destacado em Ayres (2021): em se tratando de uma abordagem multifatorial para explicar o fenômeno, não há uma única combinação de fatores responsável por favorecer sujeitos nulos; os quatro são importantes para que o sujeito nulo ocorra, mas o “peso” de cada um deles não foi identificado. Vemos, portanto, que os fatores que explicam 99% dos dados obtidos por Ayres (2021) explicam também grande parte dos dados expostos neste trabalho, assinalando que é produtiva a explicação multifatorial.

A segunda diz respeito ao fator de [+/- morfologia]. Ao observar a combinação mais produtiva para Ayres (2021), vemos que a morfologia é [+morfo], o que poderia corroborar com o fator [-v2], de forma que o verbo inicia a oração por indicar na sua morfologia a pessoa do discurso que retoma, assim atua favorecendo o sujeito nulo. A combinação mais recorrente aqui, no entanto, apresenta [-morfo] e [+v2]. Sendo o inverso do exposto acima, poderíamos pensar que essa combinação resultaria em sujeitos expressos por pronomes, mas tratamos aqui da combinação produtiva para sujeitos nulos (no *corpus* de língua escrita: [+gs], [+co], [+v2] e [-morfo]), de forma que é possível pensar que o fator [-morfo] é compensado pelo fator [+co], que torna possível identificar o referente mesmo sem a morfologia especificada, mostrando, assim, a importância de se olhar para o fenômeno levando em consideração todos os fatores.

## 5 Considerações finais

Neste estudo, procuramos verificar se os quatro fatores atestados como licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro falado também funcionam para definir os contextos de ocorrência do sujeito nulo em PB escrito - já que os sujeitos não se comportam da mesma maneira em língua falada e escrita, ao menos no que diz respeito à frequência. Os resultados alcançados aqui permitem afirmar que os mesmos contextos que servem para analisar os sujeitos nulos em língua falada também dão conta dos contextos de ocorrência dos sujeitos nulos da língua escrita, considerada aqui através de textos jornalísticos, conforme vimos.

Conforme apresentado no quadro 3, levando em conta os fatores gênero semântico, conexão discursiva ótima, padrão sentencial V2 e morfologia verbal, foi possível explicarmos os contextos de ocorrência de sujeitos nulos de nosso *corpus* em quase sua totalidade (99,1%) - resultado mais expressivo do que se levarmos em conta apenas um fator para explicar os sujeitos nulos do PB. Apesar de os sujeitos nulos apresentarem uma frequência distinta na língua falada (30%, cf. OTHERO; SPINELLI, 2019; AYRES, 2021) e na língua escrita (72%, cf. dados apresentados acima), seus contextos de ocorrência podem ser explicados pelos mesmos fatores.

Entendemos que a análise através dos quatro fatores é proveitosa, mas ainda representa um primeiro passo, uma direção possível para uma questão maior: a distribuição dos sujeitos nulos e pronominais em PB – se há uma distribuição complementar entre as duas formas e o que condiciona o uso de cada uma delas. Além disso, ficaria como um próximo passo entender qual o peso de cada fator analisado no licenciamento do sujeito nulo - ou seja, algum deles se mostra mais relevante para o fenômeno enfocado? De todo modo, esperamos que nosso trabalho traga alguma contribuição para o entendimento dos sujeitos nulos em PB.

## Referências

- ARIEL, Mira. Accessibility theory: An overview. In: SANDERS, Ted; SCHILPEROORD, Joost; SPOOREN, Wilbert (Orgs.). *Text Representation: Linguistic and psycholinguistic aspects*. John Benjamins. 2001.
- AYRES, Mônica Rigo. *Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. Parábola Editorial. 2011.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando. (Org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Pontes, 1989. p. 95-112.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. As posposições do sujeito em português. In: 1º Encontro do CelSul (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 1997, Florianópolis. *Anais do 1º Encontro do CelSul*, v. 2. p. 507-519. 1995.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; OLIVEIRA, Marilza de. Predicação. In: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: A construção da sentença*. Contexto. 2015.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. 1981.
- CREUS, Susana; MENUZZI, Sergio. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n.1-2, p. 149-176, 2004.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; KATO, Mary Aizawa. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 55-104.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Estadual de Campinas. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp, Campinas, SP, 1995.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary

Aizawa (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; MOURÃO, Costa; SANTOS, Heitor Mendonça. Os sujeitos de 3<sup>a</sup>. pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia (Org.) *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. Parábola Editorial, 2012. p. 21-44.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. ReVEL na Escola: sobre pronomes pessoais na fala e na escrita. *ReVEL*, vol. 16, n. 30, 2018.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. John Benjamins Publishing Company, 1995.

GUILHERME, Maurício Rubens de Carvalho. Português Brasileiro: uma língua V2? *INTERFACIS*. v. 2, n. 1, 2016.

HUANG, C. T. James. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*. v. 15, n. 4, p. 531–574, 1994.

JAEGGLI, Osvaldo; SAFIR, Kenneth. *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989.

KATO, Mary Aizawa. *Determinantes prosódicos em mudança sintática*. Abralín ao vivo. [Vídeo] YouTube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t3BLRPloZJI&t=2925s>. Acesso em: 15 nov. 2021.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Restrição na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *Veredas* (UFJF. Online), v. 18, p. 1-21, 2014.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Determinantes prosódicos em mudança sintática. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2021.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

OTHERO, Gabriel de Ávila; AYRES, Mônica Rigo; LAZZARI, Melissa Giovana. A conexão discursiva e a manifestação de sujeito pronominal e nulo em português brasileiro. *Caderno de squibs: temas em estudos formais da linguagem*, v. 4, p. 28-34, 2020.

OTHERO, Gabriel de Ávila; GOLDNADEL, Marcos. Omissão de sujeito pronominal anafórico e as construções de dupla negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), v. 62, p. 1-21, 2020.

OTHERO, Gabriel de Ávila; SPINELLI, Ana Carolina. Sujeito expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). *Domínios de Linguagem*. vol. 13, n. 1, p. 7-33, 2019a.

OTHERO, Gabriel de Ávila; SPINELLI, Ana Carolina. Um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa em português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 61, n. 1, p. 1-30, 2019b.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáforas zero em gêneros da fala e da escrita. *Revista Linguística*, v. 3, n. 1, p. 159-178, jun. 2007.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa: Faperj, 2003. p. 97-114.

SOARES, Eduardo Correa. *Anaphors in discourse: anaphoric subjects in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado) – University Sorbonne. 2017.

SOARES, Eduardo Correa; MILLER, Philip; HEMFORTH, Barbara. The effect of verbal agreement marking on the use of null and overt subjects. *Forum linguistic*. Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 3479-3600, jan./mar. 2019.

SPINELLI, Ana Carolina. *Pronomes e sua ausência: por um tratamento unificado da omissão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2018.

TARALLO, Fernando. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania. PennLibraries, 1983.